

O DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO COMO PRESSUPOSTO DA ESCOLA EM PASTORAL NO ÂMBITO DOS COLÉGIOS DO GRUPO MARISTA

Diogo Marangon Pessotto¹ - GM
Felipe Marton dos Santos² - GM
Osmar Aloizio Resende³ - GM

Eixo Temático: Ensino Médio

Resumo

O Projeto Educativo das Escolas Maristas do Brasil tem por fundamento o ideal de uma Escola em Pastoral, que educa e evangeliza na totalidade de seus processos. Os colégios do Grupo Marista evidenciam tal ideal por meio da articulação de contextos, conceitos e práticas educativo-evangelizadores. Nesse âmbito, emerge a realidade do diálogo com os cristãos e os não cristãos. Por essa razão, o presente trabalho busca analisar o conceito de Escola em Pastoral assumido pelos colégios do Grupo Marista a partir das categorias de diálogo ecumênico e diálogo inter-religioso, a fim de verificar sua articulação e seu vínculo essencial com o processo educativo-evangelizador. O estudo exploratório, de abordagem qualitativa, tem como base a pesquisa documental e bibliográfica. Trata do cenário religioso contemporâneo como contexto, no qual se constitui o Projeto Educativo Marista. Habermas (2013) e Rojas (1996) auxiliam-nos nesse delineamento. Os conceitos teológicos de diálogo ecumênico e diálogo inter-religioso são apresentados a partir de seus elementos constitutivos e práticos. Wolff (2015) e alguns textos do Concílio Vaticano II (1965) fundamentam a argumentação. Por fim, articulam-se as noções de Escola em Pastoral, Projeto Educativo Marista e diálogo ecumênico e inter-religioso, tendo como fundamento a missão evangelizadora da igreja e o conceito de cultura como condição para uma evangelização historicamente contextualizada. Afirma-se o diálogo ecumênico e inter-religioso como pressuposto da Escola em Pastoral, por seu caráter evangelizador: dialógico, antropológico e de cooperação.

Palavras-chave: Projeto Educativo Marista. Escola em Pastoral. Diálogo ecumênico. Diálogo inter-religioso.

¹ Mestrando em Teologia e especialista em Gestão de Processos Pastorais pela PUCPR; graduado em Filosofia pela UFPR; atua como coordenador de Pastoral do Colégio Marista Paranaense (Curitiba/PR). E-mail: dpessotto@colegiosmaristas.com.br.

² Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Franciscano do Paraná; atua como agente de Pastoral do Colégio Marista Paranaense (Curitiba/PR). E-mail: felipe.marton@colegiosmaristas.com.br.

³ Mestrando em Teologia e especialista em Gestão de Processos Pastorais pela PUCPR; especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Mackenzie; graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção; atua como assessor de Pastoral dos Colégios do Grupo Marista. E-mail: oresende@colegiosmaristas.com.br.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar o conceito de Escola em Pastoral assumido pelos colégios do Grupo Marista a partir das categorias de diálogo ecumênico e diálogo inter-religioso, a fim de verificar sua articulação e seu vínculo essencial com o processo educativo-evangelizador. Para tanto, é necessário analisar o delineamento do contexto religioso atual, cujo impacto é decisivo para o projeto de educação e evangelização marista. Além disso, a correta compreensão das noções teológicas de diálogo ecumênico e diálogo inter-religioso mostra-se indispensável para a consideração de uma evangelização em diálogo no campo da Educação.

As opções pedagógicas e pastorais da proposta educativa marista expressam não apenas contextos e conceitos, mas também pressupostos que nos remetem, em última análise, à própria missão evangelizadora da igreja, da qual o diálogo ecumênico e inter-religioso é parte integrante.

O cenário religioso contemporâneo

O diálogo com o plural, com o diferente faz-se necessário em um mundo no qual o processo de globalização possibilita e garante a simultaneidade de experiências que, antes, eram restritas a localidades específicas. Não há barreiras geográficas e culturais que não possam ser transpostas. Culturas diversas, até então separadas e “protegidas” da influência externa, hoje se encontram, por um lado, abertas à interlocução e, por outro, condenadas à exploração.

Como expressão da cultura de um povo, a religião é, por excelência, parte estrutural da construção da personalidade e do caráter dos sujeitos. Ela estabelece valores e horizontes de sentido para os seres humanos. “Religião é uma disciplina prática que nos ensina a descobrir novas capacidades mentais e afetivas” (ARMSTRONG, 2011, p. 13). Dessa maneira, o espaço escolar deve promover a reflexão e a discussão acerca do tema religião. É evidente que as instituições de ensino confessionais, tais como as escolas católicas, compartilham da missão evangelizadora da igreja. Isso não é diferente nos colégios Maristas, que também evangelizam por meio do Carisma Marista. Todavia, é importante considerar o desafio de mobilizar aprendizagens que levem à compreensão das diferentes interpretações do fenômeno

religioso. A dimensão fenomenológica da religião, quando adequadamente compreendida, resulta numa atitude positiva frente às religiões e às demais expressões religiosas.

Em termos históricos, o Iluminismo levou os sujeitos na busca por emancipação a questionar as estruturas e as cosmovisões religiosas. A liberdade, antes orientada pela doutrina religiosa, deseja, agora, circular desimpedida: “para que o poder tenha a liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas” (BAUMAN, 2001, p. 22). A religião como instância reguladora e normativa da sociedade não poderia mais ser aceita. Tal processo de secularização levou ao esvaziamento dos grandes valores e aspirações. “O homem moderno não tem referenciais, perdeu seu objetivo e está cada vez mais desorientado diante das grandes interrogações da existência” (ROJAS, 1996, p. 11).

O aluno marista está, em grande medida, imerso nesse contexto. A secularização moderna encontrou nas estruturas sociais, macro e micro, espaços para seu desenvolvimento. O resultado desse processo se expressa na condição atual dos indivíduos e das famílias, que, em sua grande maioria, não aderem às propostas de fé existentes, ainda que, por vezes, vivenciem religiosidades pulverizadas. “O homem moderno é frio, não acredita em quase nada, suas opiniões mudam rapidamente e deixou para trás valores transcendentais. (...) Desse modo, é mais fácil manipulá-lo, levá-lo daqui para ali, mas tudo sem muita paixão” (ROJAS, 1996, p. 16). Valendo-se da razão instrumental:

o homem sucumbe sob a hegemonia da técnica, que não reconhece a natureza, nem Deus, nem o homem como seu limite, mas somente o estado dos resultados alcançados, que pode ser deslocado ao infinito sem nenhum outro objetivo senão o da auto potencialização da técnica como fim em si mesmo. (GALIMBERTI, 2003, p. 37).

Atualmente, presenciamos o fracasso da tentativa de excluir o espírito religioso da sociedade e o surgimento de indivíduos vazios e sedentos por algo que satisfaça uma dimensão que lhes é intrínseca: a espiritualidade. Contemporaneamente, a religião emerge sob novas formas. Não se trata de um retorno aos antigos modelos, mas de uma religião inscrita numa mentalidade pós-secular.

A expressão ‘pós-secular’ não é uma alternativa ao horizonte pós-metafísico da modernidade, o qual permanece ‘secular’ a despeito daquele prefixo ‘pós’, correspondendo a uma mudança de mentalidade ou a uma alteração crítica do autoentendimento secularista de sociedades que se tornaram conscientes da persistência da religião, de sua relevante contribuição da religião, de sua relevante contribuição para a vida política, da necessidade de eliminar sobrecargas mentais e

psicológicas desmesuradas para os cidadãos crentes, e ainda do imperativo de acomodação das vozes religiosas na esfera pública democrática. (HABERMAS, 2013, p. 13).

Os colégios do Grupo Marista se deparam, portanto, com uma realidade que orienta sua ação pedagógico-pastoral: um indivíduo pragmático e sedento de transcendência. Na pluralidade do mundo globalizado, o diálogo se faz necessário não apenas pelos intensos fluxos culturais ou pela variedade de propostas religiosas, mas pela própria exigência de reposicionamento da dignidade do ser humano: *imago Dei*. O resgate dessa dimensão antropológica-transcendente é o ponto de articulação para toda e qualquer prática dialógica que se estabelece no âmbito das escolas católicas e, por conseguinte, dos colégios maristas.

O diálogo ecumênico e inter-religioso não se configura como mera prática social ou relação de tolerância. Ele está inserido na dimensão missionária da igreja, ou seja, na dimensão da fé, que se faz experiência e que pode ser comunicada ao outro, sugerindo uma adesão, um encontro.

O contexto acima explicitado, dados seus desafios, supõe uma formulação clara acerca da fé, a fim de que os interlocutores possam compreendê-la como caminho fecundo para o diálogo. Nas palavras de Ratzinger (2005, p. 39):

ter fé significa decidir que no âmago da existência humana há um ponto que não pode ser alimentado e sustentado pelo que é visível e tangível, mas que toca na fímbria daquilo que não é visível, a ponto de este se tornar tangível para ele revelando-se como algo indispensável à existência.

É nesse contexto que podemos argumentar sobre a relação entre a proposta educativo-evangelizadora marista e as categorias de diálogo ecumênico e inter-religioso.

O diálogo ecumênico

O termo ecumenismo é a tradução portuguesa do conceito grego *oikoumene*. Segundo Wolff (2015, p. 323), seu principal sentido é o de habitantes da terra, referindo-se a toda a humanidade. No mundo grego, a cultura helênica era o elemento unificador da *oikoumene*. Já no mundo romano, o termo *ecumene* estava vinculado à ordem jurídica, à organização política do *orbis romanus*. Na Sagrada Escritura, ecumenismo aparece nesse sentido profano, indicando tanto a terra habitada como os habitantes da terra, além de sua relação com o *orbis romanus*. Todavia, o termo assume, também, um sentido religioso: “a *oikoumene*/mundo é onde se realiza a história da salvação, onde acontece o pecado, a ação dos profetas, a

encarnação” (WOLFF, 2015, p. 323). No período patrístico, o referido termo é associado à Igreja Católica espalhada pelo mundo. Há, portanto, uma estreita relação entre os termos católico e ecumene: “a Igreja é católica, isto é, espalhada por toda a terra (*oikoumene*)” (WOLFF, 2015, p. 323). Em virtude da divisão dos cristãos, especialmente a partir do século XVI, ecumenismo assume o sentido relativo aos esforços empreendidos para o restabelecimento da unidade cristã. “É nesse sentido que, a partir do século XIX, surgem iniciativas de diálogo entre comunidades cristãs separadas, dando origem ao atual ‘movimento ecumênico’” (WOLFF, 2015, p. 324).

O Concílio Ecumênico Vaticano II forjou na igreja uma nova mentalidade acerca das outras igrejas. Fruto desse processo conciliar foi a disponibilidade da igreja em participar, juntamente com as demais igrejas, de iniciativas de diálogo, convivência e cooperação. O Decreto *Unitatis Redintegratio* sintetiza essa nova postura ecumênica da Igreja do Vaticano II em face de sua relação com os cristãos membros de outras igrejas. Tratando dos princípios e da prática do ecumenismo, além da relação da igreja com as tradições eclesiais do Oriente e do Ocidente, *Unitatis Redintegratio* apresenta, de maneira clara e objetiva, o que se entende por ecumenismo. Em seu primeiro número, afirma que a divisão dos cristãos é escândalo e prejudica a pregação do Evangelho. Nesse sentido, o ecumenismo, inspirado pelo Espírito Santo, surge como graça para todos cristãos.

A unidade é dom e é também uma responsabilidade. Enquanto dom é gratuita, dada por Deus à sua Igreja. Enquanto responsabilidade, devemos por ela zelar e promovê-la. Para isso há princípios que orientam a ação ecumênica dos cristãos católicos: o entendimento que a Igreja de Cristo é una e única, pois sendo Cristo um só, uma só é a comunidade que ele quer para todos os seus discípulos (Jo 17,21); a unidade cristã é significada e realizada na Eucaristia; tem como princípio o Espírito Santo e como modelo a Trindade; é vivida em uma só fé, num mesmo culto e na fraterna concórdia; e se organiza na história em fidelidade aos Doze, tendo Pedro à sua frente. (WOLFF, 2015, p. 329).

Pelo batismo e pela fé, os membros das outras igrejas cristãs vivenciam a comunhão com a Igreja Católica, ainda que essa comunhão não seja plena, pelas divisões existentes. *Unitatis Redintegratio* reconhece a eclesialidade das tradições reformadas (séculos XVI e XVIII) em virtude dos elementos da Igreja de Cristo nela presentes: a Palavra de Deus, a vida da graça, a fé, a esperança, a caridade etc. Por meio desses elementos, “o Espírito de Cristo não reluta em passar por elas como meios de salvação, (...)” (*UNITATIS REDINTEGRATIO* 3). Buscar a unidade é o principal objetivo do movimento ecumênico, que contempla:

atividades e iniciativas, segundo as necessidades e as condições temporais da Igreja, que despertam e inspiram a busca da unidade entre os cristãos. Em primeiro lugar, o esforço, tanto do ponto de vista da verdade como da equidade, para eliminar palavras, juízos e comportamentos que não correspondem à situação em que se encontram, de fato, os irmãos separados [...]. Além disso, nas reuniões entre cristãos de diferentes Igrejas ou denominações, [...], um ‘diálogo’ entre especialistas realmente preparados. [...], igualmente, onde é possível, a reunião e maior colaboração entre as diversas denominações, nos deveres para com o bem comum, exigidos por toda consciência cristã, assim como na oração unânime. (*UNITATIS REDINTEGRATIO* 4).

Toda igreja, com suas diversas instâncias pastorais, é convidada a atualizar tais princípios e práticas do ecumenismo. Uma das implicações desse processo é o reconhecimento da identidade relacional da igreja. Sua catolicidade impõe a ela mesma a necessidade do diálogo ecumênico, na medida em que isso explicita a própria identidade. O fato de a igreja estar em contínua relação com o mundo, com as igrejas e as religiões diz da própria natureza dialógica:

a Igreja é, constitutivamente, diálogo. Ele se faz diálogo e faz o diálogo. A necessidade do diálogo surge de algo mais profundo do que a simples constatação da realidade do pluralismo eclesial (e religioso/cultural). Vem da profundidade do ser da própria Igreja, como expressão da sua vocação à comunhão que tende a se expandir ‘para fora’ de si mesma. (WOLFF, 2015, p. 330).

O elemento central que nos possibilita compreender a dinâmica do diálogo ecumênico reside na seguinte afirmação conciliar sobre a Igreja de Cristo:

constituída e estabelecida assim como sociedade, neste mundo, a Igreja subsiste na Igreja Católica, [...]. Todavia, fora de sua realidade visível, encontram-se muitos elementos de santidade e de verdade. São riquezas autênticas da Igreja de Cristo. Verdadeiros apelos à unidade católica. (*LUMEN GENTIUM* 8).

A expressão “subsiste na” não indica uma relação de identidade exclusiva entre a Igreja de Cristo e a Igreja Católica. O próprio Concílio – em *Lumen Gentium* 8;15 e em *Unitatis Redintegratio* 3 – afirma a existência de elementos da Igreja de Cristo fora das estruturas católicas. Nesse sentido, o grande desafio é estabelecer, na igreja, projetos evangelizadores pautados num espírito ecumênico, que possibilite às igrejas cristãs examinar o modo como expressam a fé e colaborar, por meio de palavras e ações, com a difusão da mensagem cristã. Tudo isso oferece ao mundo um significativo testemunho de fidelidade ao Evangelho.

O diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso supõe uma interlocução entre cristãos e não cristãos, de modo que, juntos, possam atuar no testemunho da verdade, da justiça, da paz, da promoção humana e do cuidado ambiental. Os fundamentos do diálogo inter-religioso são de ordem teológica, do campo da Teologia das Religiões, que se desenvolveu amplamente a partir do Concílio Vaticano II. A maior proximidade entre o cristianismo e as religiões, os testemunhos de atuação conjunta e mesmo o contexto da relativização religiosa hodierna motivaram a reflexão teológica sobre as religiões. A Teologia das Religiões discute “se uma religião é depositária da revelação e se pode ser considerada mediação salvífica” (MIRANDA, 1994, p. 11). As diferentes posições acerca do valor salvífico das religiões expressam-se em diferentes teologias das religiões.

Quanto aos modelos teológicos que tratam da referida questão, temos uma divisão tripartita:

1) **Eclesiocentrismo.** Afirma a exclusividade da salvação operada por Cristo na igreja. Desse modo, está fora da salvação quem não admite a Revelação Cristã. Entretanto, tal posição radical não se justifica, pois somente Cristo é a salvação e a igreja é servidora de Cristo. Logo, a igreja não detém a salvação.

2) **Cristocentrismo.** Aceita a salvação nas outras religiões, mas não sua autonomia salvífica. Tal posição procura “conciliar a vontade salvífica universal de Deus com o fato de que todo homem vive e se realiza como homem dentro de uma tradição cultural, que tem na religião respectiva sua expressão mais elevada e sua fundamentação última” (MIRANDA, 1994, p. 13). Esse modelo teve, no Vaticano II, espaço privilegiado para seu desenvolvimento na teologia católica. Cristo é o centro e não a igreja. Por esse motivo, Ele é o salvador universal e as religiões participam de sua única e universal salvação, pelos valores e pelas práticas consonantes com o Evangelho, vivenciados com retidão e sinceridade por seus membros. Assim, os membros das religiões também são alcançados pela graça redentora.

3) **Teocentrismo.** Visa à superação do cristocentrismo por meio de duas posições. Para a primeira, Jesus Cristo é o paradigma dos mediadores de salvação, mas não o único. Se Cristo não tivesse existido, não ficaríamos sem a salvação. Para a segunda, Cristo não é reconhecido como “constitutivo nem como normativo para a salvação do homem” (MIRANDA, 1994, p. 14). Toda religião tem a mesma finalidade para o Teocentrismo. Deus

em si é inacessível; conhecemos Dele o que se manifesta na experiência humana transcendente. O Teocentrismo é insuficiente ao afirmar uma noção indeterminada de Deus. Para esse modelo, Jesus Cristo não tem relevância universal e a verdade está condicionada a estados de ânimo subjetivos e à relatividade das experiências.

O Concílio Vaticano II tratou da relação entre a igreja e as religiões não cristãs. A declaração conciliar *Nostra Aetate* apresenta o posicionamento eclesial sobre tal relação. Essa declaração não é programática, mas de intenções, pois expressa o desejo da igreja em aproximar-se das religiões para promover o diálogo e a mútua colaboração. Os dois principais aspectos abordados por *Nostra Aetate* são: a consideração positiva das religiões, reconhecendo nelas elementos de santidade e verdade, e a unidade e a universalidade do plano divino da salvação, pois Deus dispõe auxílios para a salvação de todos, ou seja, sua graça atuante na história sob muitas formas. Ainda que haja incompatibilidades doutrinárias, a igreja “não rejeita o que é verdadeiro e santo em todas as religiões” (*NOSTRA AETATE* 2). Contudo, anuncia Cristo como plenitude, o que lhe exige o diálogo e a colaboração com as religiões. Portanto o evento Cristo é abertura ao diálogo e não obstáculo, pois todos os membros das religiões que vivenciam os valores evangélicos são alcançados pela graça divina, e é justamente a vivência comum dos referidos valores que possibilita aos cristãos e aos não cristãos a colaboração em prol da justiça, da paz e da fraternidade.

Além disso, temos o documento Diálogo e Anúncio, publicado em 1991 pela Congregação para a Evangelização dos Povos e Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. Trata-se de um documento que procura atualizar os ensinamentos do Vaticano II e dos Papas contemporâneos sobre a questão do diálogo inter-religioso. Ele reafirma o olhar positivo das religiões e a unidade do plano salvífico. Os valores humanos e espirituais das religiões concorrem para a salvação, pois esta, em Cristo, ocorre “através de caminhos misteriosos” (*DIÁLOGO E ANÚNCIO* 15). Isso vale:

[...] para todos os homens de boa vontade, no coração dos quais, [...], opera a graça. [...], se Cristo morreu por todos e a vocação última do ser humano é realmente uma só, a saber, divina, nós devemos acreditar que o Espírito Santo oferece a todos [...] serem associados ao mistério pascal. (*GAUDIUM ET SPES* 22).

O Espírito Santo agia no mundo antes do Evangelho e ainda o faz hoje, também fora da igreja visível. Essa ação diz de sua presença misteriosa no coração humano, inclusive naqueles que desconhecem Cristo. A prática dos valores de suas religiões e o seguimento de sua consciência são respostas positivas dos membros das religiões à salvação.

Na prática, as formas do diálogo indicadas por Diálogo e Anúncio são: a) diálogo da vida, aberto, solícito, na partilha das alegrias e tristezas; b) diálogo das obras, na colaboração com o desenvolvimento humano integral; c) diálogo dos intercâmbios teológicos, para a compreensão das heranças e valores religiosos; d) diálogo da experiência religiosa, pela partilha das riquezas espirituais. O diálogo possui um sentido concreto e deve ser o meio para a luta em favor dos direitos humanos, da justiça e da paz.

Faz-se necessário salientar que o convívio, a partilha e a cooperação não atenuam a mensagem cristã, nem levam à abdicação da fé. Antes, são “método de presença, de respeito e de amor para com todos os homens” (DIÁLOGO E ANÚNCIO 39). O diálogo é, também, testemunho de Cristo, exigindo equilíbrio – abertura, acolhida, imparcialidade e cooperação – e uma firme convicção religiosa – “isto não significa que (...) devam ser postas de lado as próprias convicções religiosas. Pelo contrário, a sinceridade do diálogo inter-religioso exige que se entre nele com a integralidade da própria fé” (DIÁLOGO E ANÚNCIO 48). Por fim, supõe uma abertura à verdade e uma disposição aos valores positivos compartilhados pelos membros das diversas religiões.

O diálogo ecumênico e inter-religioso como pressuposto da Escola em Pastoral nos colégios do Grupo Marista

A noção de Escola em Pastoral é o elemento que nos permite articular os conceitos de diálogo ecumênico e diálogo inter-religioso com o Projeto Educativo dos Colégios do Grupo Marista. Do ponto de vista dos sujeitos, Escola em Pastoral diz da corresponsabilidade de todos os indivíduos da comunidade educativa no que tange à ação pastoral engendrada nos diversos âmbitos da escola. Do ponto de vista dos processos, refere-se a uma escola toda evangelizadora, em contínuo estado de missão, na qual todas as ações são, por natureza, educativas e evangelizadoras, sem que uma dimensão se sobreponha à outra.

As escolas maristas do Brasil fundamentam suas práticas educativas num projeto comum, de abrangência nacional, denominado “Projeto Educativo do Brasil Marista. Nosso jeito de conceber a Educação Básica”. Tal referencial apresenta e discute as dimensões do Projeto Educativo Marista, a saber: contextual, conceitual, operacional e avaliativa. Para além dos elementos educativos específicos, que necessariamente delineiam as opções do referido projeto, há elementos relativos à missão da escola marista, sendo ela parte da missão evangelizadora da igreja e expressão concreta do legado de São Marcelino Champagnat,

fundador do Instituto Marista. Nesse sentido, o Projeto Educativo do Brasil Marista afirma categoricamente a escola marista como Escola em Pastoral na medida em que:

evangelizar é a missão a ser assumida por todo cristão. Somos todos convocados a ser presença evangelizadora, colocando Jesus Cristo como centro sobre o qual se fundamentam os nossos valores e as nossas ações. Na educação marista, tal missão se reveste de um significado ainda mais profundo, pois nos inspiramos em São Marcelino Champagnat, para quem o núcleo da nossa ação é ‘tornar Jesus Cristo conhecido e amado’. Essa é a essência do Projeto Educativo do Brasil Marista. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 36).

Isso significa dizer que a identidade própria da escola marista é ser uma Escola em Pastoral, ou seja, um espaço em que Jesus Cristo seja a referência primeira e última para os processos educativos, expresso numa pedagogia marista que “integra a formação afetiva, ética, social, política, cognitiva e religiosa” (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 43). Sendo assim, a escola marista visa à formação integral dos sujeitos, rechaçando modelos educacionais tecnicistas e preconizando a investigação, a reflexão, a abertura à realidade, o diálogo, a criticidade, o protagonismo, a solidariedade, o cuidado com a natureza e os horizontes de sentido para o sujeito.

A mensagem cristã, núcleo do Projeto Educativo Marista, impõe a esse mesmo projeto um imperativo: “a principal tarefa da educação marista será o empenho pela integração entre fé e vida, encarnando a mensagem evangélica na própria cultura” (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 37). O Evangelho tem algo a dizer para a existência concreta dos sujeitos, pois não está desvinculado da integralidade da vida. Nessa perspectiva, o Projeto Educativo Marista afasta-se diametralmente de toda forma de proselitismo ou homogeneidade religiosa. Sua natureza evangelizadora, antes disso, pressupõe a potencialização de todas as dimensões do sujeito, de modo que a proposta do Evangelho seja acolhida livremente. Daí que a educação para São Marcelino Champagnat:

[...] é mais do que um processo de transmissão de informações: é um meio poderoso de formação e transformação das mentes e dos corações das crianças e dos jovens. Nessa perspectiva, a proposta educativa e a proposta de evangelização identificam-se, inter-relacionam-se, não são antagônicas. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 52).

Fundamentalmente, a escola marista é espaço-tempo de um projeto de Escola em Pastoral porque articula harmoniosamente educação e evangelização, dimensão acadêmica e dimensão pastoral, formação integral e valores evangélicos; em suma, fé e vida.

Trata-se de sermos uma Escola em Pastoral: espaço-tempo do anúncio, do testemunho e da comunhão; da compaixão pela humanidade; do compromisso com as causas da justiça e da paz; do conhecer-experienciar-aderir aos valores do Evangelho, concretizados no desenvolvimento de uma cultura do cuidado, da solidariedade. A proposta é impregnar os conteúdos e as práticas com os valores evangélicos e construir espaço-tempos de atuação dos sujeitos da escola a partir desses valores na comunidade educativa interna e nos espaços públicos. Desenvolve-se, assim, uma mentalidade cristã aliada a uma consciência crítica, para se relacionar e atuar na sociedade. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 67).

Por essa razão, podemos considerar o diálogo ecumênico e o diálogo inter-religioso como pressupostos da Escola em Pastoral nos colégios do Grupo Marista pelo simples fato de que tais modalidades de diálogo são parte essencial da missão evangelizadora da igreja, da qual as escolas maristas participam, atuando no campo educativo. O rechaço de todo e qualquer tipo de proselitismo nos leva a considerar a evangelização por meio da educação como um processo evangelizador em diálogo, cujo anúncio do Evangelho se dá de maneira contextualizada e inculturada, propondo uma adesão livre dos sujeitos. Quando esse processo se constitui num ambiente plural, no qual coexistem diferentes crenças e expressões religiosas, evidenciam-se os diálogos ecumênico e inter-religioso como ação evangelizadora e não apenas como relações amistosas. Prova disso são seus desdobramentos práticos, a saber: a partilha da fé cristã e a colaboração na missão de anunciar Jesus Cristo, no caso do ecumenismo; a vivência dos valores positivos e a cooperação pelo bem comum, no caso do diálogo inter-religioso.

Os colégios do Grupo Marista, nessa perspectiva, afirmam-se como espaço-tempos de pastoral, que articulam fé, cultura e vida, mas também como espaço-tempos de aprendizado político e ético e de construção de projeto de vida. Nesse sentido, fica evidente que os diálogos ecumênico e inter-religioso são pressupostos do Projeto Educativo Marista, na medida em que este se destina a todos os sujeitos da comunidade educativa, articulando a identidade cristã-católica do referido projeto com a vida prática desses mesmos sujeitos. Porém fica a pergunta: como se dá essa articulação? A resposta está no conceito de cultura.

Dado que o currículo é a instância mobilizadora das aprendizagens, temos que se trata de “um artefato social e cultural” (MOREIRA; SILVA, 1999, p. 7). É um sistema complexo, aberto, dinâmico; expressa contextos, conhecimentos, valores, aprendizagens, experiências, mediações, identidades, sentidos, significados, certezas, incertezas, críticas. É rede de múltiplas conexões e modificável para potencializar as dimensões do sujeito. Se é, portanto, cultura e perpassa todas as dimensões e todos os espaços da escola, possibilita a articulação entre a fé e a vida também por meio dos diálogos ecumênico e inter-religioso. No intuito de

explicitar tal articulação, os colégios do Grupo Marista pautam seu processo educativo-evangelizador a partir das Diretrizes da Ação Evangelizadora do Grupo Marista, cujo centro são os Elementos Inculturadores.

Chamamos de Elementos Inculturadores a um conjunto de componentes interdependentes (que podem ser interpretados como conceitos-chave, espaços, temas ou dimensões) que julgamos ser prioritários para a dinamização da ação evangelizadora na cultura atual. Acreditamos que os Elementos Inculturadores favorecem o diálogo entre os princípios e valores do Evangelho com as culturas contemporâneas, sustentando um processo de evangelização historicamente contextualizado. (GRUPO MARISTA, 2014, p. 58).

Por opção, o Grupo Marista tem priorizado os seguintes elementos: dignidade humana, educação emancipadora, espiritualidade, alteridade, solidariedade socioambiental, catequese, infâncias e juventudes, valores maristas. Não é nosso objetivo discorrer sobre o conteúdo de cada elemento, mas, sim, indicar sua pertinência tanto aos diálogos ecumênico e inter-religioso como ao Projeto Educativo Marista, uma vez que se tratam de valores evangélicos assumidos pela igreja em sua missão evangelizadora. É finalidade do diálogo ecumênico, por exemplo, a experiência comum da espiritualidade cristã e mesmo o intercâmbio doutrinal. É finalidade do diálogo inter-religioso, por sua vez, a luta pela dignidade humana e pelo cuidado com o meio ambiente. Nesse sentido, percebemos que os Elementos Inculturadores são o ponto de articulação entre educação e evangelização nos colégios do Grupo Marista. Sua origem e seu fim estão no Evangelho, e sua vivência se dá na cultura, na vida dos indivíduos.

Portanto o entendimento de que o diálogo ecumênico e o diálogo inter-religioso são pressupostos do ideal de Escola em Pastoral nos colégios do Grupo Marista passa necessariamente pela afirmação de que o Colégio Marista é uma escola evangelizadora e, porque é evangelizadora, anuncia o Evangelho de modo a inculturá-lo, inclusive junto aos interlocutores cristãos (não católicos) e não cristãos.

Considerações Finais

A razão principal de afirmarmos o diálogo ecumênico e inter-religioso como pressupostos do Projeto Educativo Marista não é a pluralidade religiosa em si mesma. Antes, é a própria natureza educativa e evangelizadora, que está vinculada essencialmente à missão da igreja: evangelizar. O diálogo com os cristãos e os não cristãos nos colégios do Grupo Marista é uma prática que possibilita a articulação entre a fé e a vida por meio da cultura, ou seja, dos contextos nos quais os sujeitos estão inseridos. Busca-se, sobretudo, pela mediação

do currículo, uma relação pautada na cooperação e na vivência conjunta dos valores evangélicos que se transformam em horizontes de sentido para a existência. A partir de Jesus Cristo, o Projeto Educativo Marista – cujo fundamento é o ideal de uma Escola em Pastoral – propõe atitudes e posicionamentos em favor da dignidade humana e da experiência transcendente como caminhos comuns para o diálogo entre os sujeitos de diferentes crenças.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, K. **Em defesa de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Vaticano II: mensagens, discursos e documentos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 470-549.

_____. *Lumen Gentium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Vaticano II: mensagens, discursos e documentos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-244.

_____. *Nostra Aetate*. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Vaticano II: mensagens, discursos e documentos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 340-344.

_____. *Unitatis Redintegratio*. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Vaticano II: mensagens, discursos e documentos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 259-276.

CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **Diálogo e Anúncio**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_d oc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html>. Acesso em: 20 fev. 2016.

GALIMBERTI, U. **Rastros do Sagrado**. São Paulo: Paulus, 2003.

GRUPO MARISTA. **Diretrizes da Ação Evangelizadora do Grupo Marista**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2014.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como “Ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 2013.

MIRANDA, M. de F. O encontro das religiões. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 26, n. 68, p. 9-26, jan./abr. 1994.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. da (orgs.) (Trad. Maria Aparecida Baptista). **Currículo, cultura e sociedade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

RATZINGER, J. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

ROJAS, E. **O homem moderno**. São Paulo: Mandarim, 1996.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista. Nosso jeito de conceber a educação básica**. Brasília: UMBRASIL, 2010.

WOLFF, E. Ecumenismo. *In*: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 323-335.